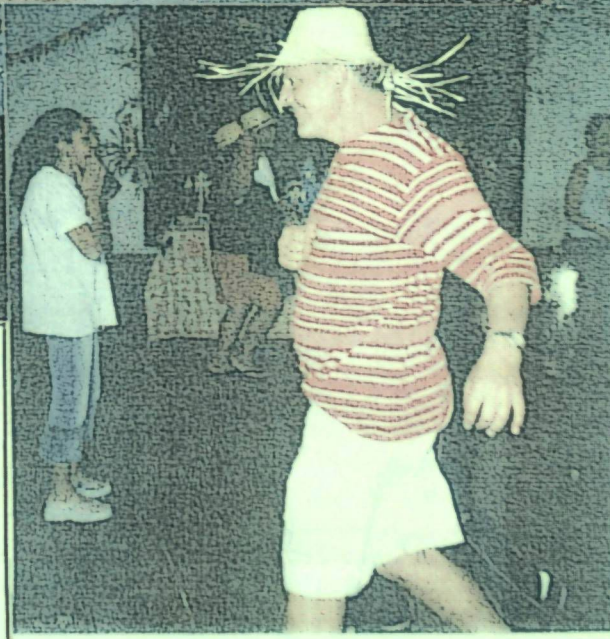


FESTA JUNINA

ESTE CENÁRIO QUE ESTÁS OBSERVANDO, VOCÊ PODE LER NAS PÁGINAS 06 e 07



Expediente

ÍNDICE	PÁGINA
INAUGURAÇÃO DO CAIS	01
TRANSPORTE	03
NOTA	04
FESTA JUNINA	05
DIA DOS PAIS	08
PANORAMA NACIONAL	09
CINEMA	12
VIDIOTECA	13
HISTÓRIAS DA CADEIA	15 e 16

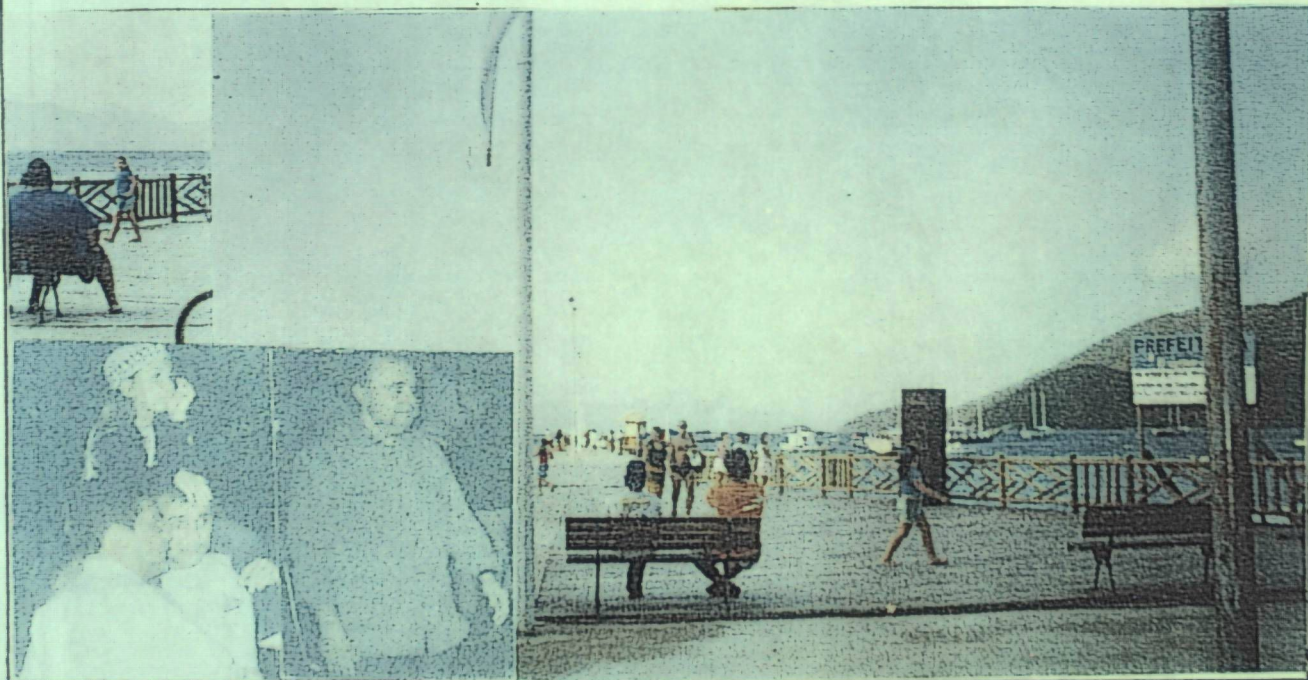
Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hotalr, Rua Paraná nº09.Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ.CEP 23960-000.

O DAN, se divertindo na festa. Ao lado esquerdo mais ao alto, as crianças sa boreando o bolo da festinha junina da Tia JANNY no Centro de Convivência e ao alto a cena que se passou no terreiro - do Arraiá Comunitário.

*Este caderno colocado do jornalzinho, não pode ser retirado daqui e para ser visto neste local. Pois ele destina-se ao manuseio das mesas no Cantina.  
Hoje*



INAUGURAÇÃO DO CAIS DO ABRAÃO



Ao alto, vereador Elias José Rabha "Fiote", vindo de encontro à comunidade; no plano abaixo Pref. Fernando Jordão e Carlinho Santo Antônio

No dia 09-09-2005, foi mais um encontro da Comunidade da VILA DOIS RIOS com políticos de Angra. Ontem muito cedo o comentário era só a Inauguração do Cais Turístico e o deslocamento para ver o Sr. Prefeito chegar com a

sua honrada Comdtiva. A construção da ponte foi um atendimento à antiga reivindicação popular daquela vila. Às 18h30 foi inaugurada e a Vila Dois Rios estava presente a Solenidade por intermédio deste morador que foi lá assistir



e representou a Comunidade. E o Cais recebeu o nome de "VALDIR LINDOLFO DE OLIVEIRA", coube a viúva receber os cumprimentos da Comitiva, encima da ponte que, dá a sensação de estar vendo um cabo introduzido pelo mar adentro, mas é uma linda construção para atender a alta demanda do turismo no Abraão.

Com estrutura em madeira e pilas tras de concreto armado, o Prefeito disse que a importância da obra é por ter resolvido com ela a superlotação que, vinha causando tumultos e problemas frequentes no embarque e desembarque na Vila. O Cais possui 120m de comprimento e 6m de largura mínima, e variações no trecho final, onde tem uma espécie de âncora de atracação de escunas. E três escadas

de acesso, capacidade para aportar seis escunas na parte frontal da âncora e mais dez veleiros de grande porte, cinco da cada lados. Atendendo com essa capacidade de um número superior a quatro mil pessoas num só dia. Há também um alargamento na praia de 25m. Três postes de 10m de altura para iluminação. Tem guarda corpos nas laterais e oito bancos de madeira no deck, o que aumenta o conforto e a segurança do usuário na espera da embarcação. Uma carlinga de fiscalização e atendimento de controle do turista e orientação.

A outra viagem do Prefeito à Ilha Grande foi realizada no dia 14 de maio para fazer a entrega do ônibus da Polícia Militar à Comunidade da Vila Dois Rios que, usufrui do benefício de integração.

#### TRANSPORTE EM HARMONIA NA VILA DOIS RIOS

O transporte foi bem ordenado entre as partes de um todo (PM, COMUNIDADE e UERJ) através de um Programa de Integração Social, da POLÍCIA MILITAR e COMUNIDADE, cujo trouxe o amparo ao morador no seu domicílio e dá suporte ao Campus Ilha Grande da UERJ.

NESTA VILA LIMITE - transporte é questão de vida ou morte e quase uma unanimidade em meio a população. Numa simples observação dá para se ver um índice de satisfação na casa dos 99%, depois que veio para cá o "microônibus novo" como ficou comumente conhecido o veículo, tratado as vezes como se fosse um membro da família das pessoas que o utilizam neste lugar de submissão.

A Polícia Militar é autora da parceria que veio propiciar transporte aos moradores; através dos comandantes chegaram os ônibus à Vila Dois Rios; respectivamente agradecemos ao Ten. Cel. Freitas, do 28º BPM sediado em Volta Redonda que, tinha no pátio uma viatura inoperante e neste mesmo estado repassou ao Ten. Cel. Moura do

33º BPM situado na região de Angra dos Reis em Mamucaba, para que pudesse integrá-la à população solicitante.

Daí foi necessário a representação, político-empresarial, em nome da Comunidade da Vila Dois Rios, onde o Sr. Major Maurício da 2ª CPI, defende o papel que ajudou a criar; os benefícios que trouxe para a população, tira ela do difícil acesso e ajuda na diminuição do sofrimento das pessoas no deslocamento quase que diário entre os dois polos mais importantes pela estrada que leva ao porto de embarque e desembarque marítimo, saúde e educação.

Sem dúvida tornou-se um projeto de cunho social na ampliação da utilização do aparelho público que ganha vida e utilidade dentro da sociedade. E, com isso a Comunidade de Vila Dois Rios, só tem hoje, a agradecer, primeiro a Polícia Militar e, depois ao Senhor Ten. Cel. Freitas e, ao Senhor Ten. Cel. Marcos Aurélio de Moura e, especialmente ao Senhor Major Maurício que, realizaram tão im-



Segur

portante papel social, por ter eles acreditado no sucesso deste trabalho, hoje, fundamental na prática no interior da Ilha Grande, ligando o trecho Abraão-Vila Dois Rios e transportando policiais, servidores e inativos residentes do tempo do presídio demolido em 1994.

É de se ressaltar a recuperação desta viatura que, só foi possível a partir de uma Parceria, tão na moda em tempos precários, que se formou partindo da nossa gloriosa Corporação Policial Militar para com a Vila Dois Rios.

Por sua vez, a Vila Dois Rios, também, fez a sua parte, procurou buscar os recursos para a reforma geral da viatura que, tomou cara de nova. Isto só foi possível através de representação política do município onde esta fundada a Organização de Órgãos que possui o poder. E, esta organização buscou os recursos junto a empresa privativa do serviço de transporte da Cidade de Angra dos Reis.

E, a idéia na hora certa, foi pura realização de um grandioso projeto voltado para a área familiar. Trazendo inúmeras satisfações inclusive lembrada a todos os momentos oportunos pelo próprio Prefeito de Angra, como foi o caso aqui na Ilha ontem na inauguração do Cais do Abraão perante o povo lá reunido, citou como referência de exemplo, também, trouxe satisfação aos colaboradores e principalmente à Associação de Moradores, como núcleo de ligação da população local ao Poder Público e de pessoas compromissadas com este Projeto.

Tudo isso surge quando há falta de recursos. Na carência de recursos do governo para os projetos sociais, começa a se pensar no que pode fazer aqui neste lugar, para melhorar e dar um pouco de sustentabilidade ao bom funcionamento da Associação de Moradores e trazer um pouco de alívio para o homem comunitário. O que seria de nós se pudesse pensar em novos desafios?

A carência é muito grande. Desde os anos 90, a Vila Dois Rios não mais possui, o seu próprio trans-

porte, salva-se e agradecemos a **Polícia Militar**; nós aprendemos a ficar na dependência de um órgão formentador deste serviço. Então, essa conquista, é uma forma de suprir as necessidades básicas.

A principal situação da Associação de Moradores, não é atingir estranhos, salienta o presidente, digo, eleito, como representante, da Classe Policial aposentada que forma a base desta comunidade, precisa continuar com a premissa de parceria, para servir o próprio militar em primeiro lugar, o funcionário público, o aluno e o docente das unidades de ensino, que são os grandes usuários deste meio de transporte.

Surge assim, desta forma, os efeitos da iniciativa de servir, cujo, melhorou a qualidade de vida da população que faz parte do município e, de muita gente que vive em torno, ninguém avalia melhor este trabalho do **Comando da Polícia Militar**, representado pelos oficiais já citados, do que, aquela família que sai com a certeza de voltar, quando surge a necessidade do médico, da escola ou o das compras da casa, já que as três unidades envolvidas polarizam-se do povoado por mais de 11Km de terreno e muitas Milhas Marítimas. Obrigado Sr. Cmt. do 28º BPM obrigado Sr. Cmt. do 33º BPM, obrigado Sr. Maj. Maurício, que sempre ajudou a Comunidade. Fato inegável por diligenciar os locais onde havia as duas viaturas, que foram recuperadas e hoje aqui utilizadas. 10.09.2005.

**Nota:** Este jornalzinho é um veículo de comunicação que busca sempre a Vila Dois Rios, a sua história, os seus hábitos, o passado e o presente, através das raízes e suas lendas oral que chegaram até hoje ao nosso conhecimento. Já mais alimenta puramente a crítica; e a sua característica, é sempre a narração de um fato ou a ficção que marca o tempo. Participe você, também, pois ele é seu.



Segunda-feira, 12 de setembro de 2005 A REDAÇÃO DA VILA 14ª EDIÇÃO 05

Este Evento Folclórico foi de 2005 na Vila Dois Rios, em ritmo de:

FESTA JUNINA E ANIVERSÁRIO

DA COMEMORAÇÃO TRADICIONAL AO ARRAIAL MODERNINHO





**AO MISTURAR FESTA JUNINA COM ANIVERSÁRIO**, a galera que não se cansava de comer churrasco, beber cerveja, perua e quentão pôde seguir na farra da festa caipira, que virou de sábado para domingo, 19/06/2005 na Vila Dois Rios.

No cardápio, o Arraiá da Comunidade apresentou barraquinhas de comelanças típicas, bandeirinhas, quadrilha, fogueira e casamento com clima de moda e arte. Na Rua Amazonas: Tereza do Buiu, Márcia do Adalberto, Marilda, Tio Nico e Cia apresentaram seus arranjos juvenis no largo defrente ao famoso Clube da Perua. Eles, talvez, prometeram e, de fato, levantaram o público com o forró e as combinações de baiões, pagode e xaxados, com ritmos de samba.

Os arranjos - depois de muito se espera e comentários, saiu a primeira apresentação desse tipo de realização moderna em clima de moda e teatro ao ar livre. O primeiro dia da festa foi, alias, na terça-feira, 15 de junho, dia da comemoração do aniversário do Velho Nico, o nosso "vate", no sábado foi o segundo dia das comemorações e teve o arraial da comunidade com direito a muitos flash num desfile cômico maravilhoso, com vestido justo e bainha de babados numa liberdade total ao misturar flores roxas, véu, grinalda e renda. Naquela noite, Dan confirmou ser o estilista mais respeitado que já se teve em Vila Dois Rios, apresentando sua arte nos desfiles dos grandes eventos. Há quantos anos? Em sala de aniversário, praças de festa popular e igreja de casamento, revolucionou a primeira fila da pratéia do desfile social, provocando tumulto entre os fotógrafos que disputam um ângulo favorável e muito comentário. Naquela noite do sábado a sua criação falou mais alto. Apresentou um longo branco e sandália alta; golão, peruca lou-raça meio fogo com rosto camuflado de véu; afinal de contas era casamento matuto. O diabo da noiva gaiata não quis dizer se estava grávida e nem a marca da cal-

cinha; da roupa também não.

- Com certeza não é brasileira. Mas se declarasse diria ser fã de um twin-set bem justo e bem misturado (flores, xadrez, zebra, sedas, algodões e colar de pedras de cor).

Quem já estava sentindo saudade de uma festa daquela, espalhada a boca pequena, na rua, (quer dizer festa pública), isto é no meio da rua pôde aproveitar a noite a partir das 19h 30, na festa que valeu para todos os santos do mês. Oportunidade em que os moradores puderam encontrar-se a público e esquecer suas mágoas no Arraiá Comunitário preparado pelos maiores festeiros do lugar. com algumas barraquinha de iguarias e brinquedos; os organizadores aproveitaram a dobradinha e apresentaram o "Casamento Caipira", que todo mundo esperava, foi quadrilha e muito ruralismo. A organização, caprichou, mesclou também uma retrospectiva de grandes sucessos de antigamente, com algumas cenas mais recentes do casamento matuto, valorizado na moda do artesanato do Sertão Nordestino. E trouxe para isto, um irlandês que chamou a atenção no cenário da festa junina da nossa Vila Dois Rios.

O responsável desta proeza foi quem? Foi o estilista comunitário de sempre, um cidadão de meia idade, vindo da elite carioca. E quando ele veio já trouxe com sigo o conhecimento da moda. E, durante alguns anos já faz parte dos bastidores de produção de festas viladoisrioenses. Talvez tenha escolhido os modelitos da equipe do estilo da representação brasileira de etiqueta importada da França, Itália ou Irlanda. E, com isso valorizou a festa da comunidade. Mostrando desta vez um longo em tom branco de colote com rasáceas roxas, com renda de bilro usada em punhos e gola inspirada em Maria Bonita, a mística mulher do cangaceiro Lampião.

Noivo e a noiva do cangaço representados nesta festa, os dois abrem o espetáculo juntos e, o nome



dela era "Maria Espinga" quem tem a responsabilidade de ficar sozinha primeiro para que todos os curiosos a fotografassem à vontade, reparassem bem a roupa e o seu trejeito. Quando chega a hora de a noiva passar a bola para o seu noivo o "Benedito Carrapato", os dois formam pares e tomam posição no altar, era chegado a hora do tão esperado casamento matuto que ha muitos anos não se via por aqui. Neste momento passam, então, a apresentar com toda arte e esmero as cenas cômicas do ato do casório da roça nas festas juninas. Foi além de tudo uma encenação bem rural, daquelas sertanejas mesmo, como se estivesse em cena real de um grande palco de um Carlos Gomes. Neste momento o arraial ficou de pé para ver a trincada de caipira (os noivos e o padeco), este bem que merecia o nome de Zé das Botas para justificar as suas polainas, mas representou muito bem a maneira matuta, arrancando muitas gargalhadas do público. Ele cuidou de fazer a celebração do casal de jeça como se na verdade estivesse lá nas terras das tabocas.

O Arraiá da Comunidade estava lindo para ninguém botar defeito. Além do casamento, havia bandeirinhas, fogueira, chapéus-de-palha e muita guloseimas típicas. com estes ingredientes o povoado de Dois Rios celebrou a sua festa junina na noite como já disse do dia 19 para 20, aos três santos de uma vez só: São Pedro, São João e Santo Antônio, cujo dias festivos correspondem 13, 24, e 29 de junho. E, com isso emendaram aniversário, ao dia do santo da casa, diga-se lá de passagem Santo Antônio, para as solteiras. Quem quis aproveitar tinha lá uma fogueira para as promessas, enorme, queimando no meio da rua e ficou acesa três dias, só não fez pedido e simpatia quem não quer casar ou não tem fé, ou ainda, certeza, de ser atendido pelo santo casamenteiro.

As atividades culturais do dia da festa foram realizadas explorando bem o terreiro e a ilumina-

ção, com a noiva, o noivo e o padre a partir das 20h, e englobou shows de danças dos pares apaixonados, das amizades matarem a saudade na animação popular, ninguém ficou parado pelos cantos, todo mundo embalou no ritmo da música. No penúltimo momento, aconteceu a abertura da quadrilha a moda da Vila.

Quem presenciou o evento não deixou de continuar conferindo as barraquinhas de doces, quentão, salgados e refrigerantes. Mas, para quem pensa que só adultos têm a chance de curtir um projeto como este, engana-se: Pois as crianças tinham garantidamente um presentinho na barraquinha da pescaria a qual fez parte da programação infantil.

Foram seis horas de uma programação intensa que começou depois, que as lâmpadas se acenderam, e terminou com os shows durante o raiar da madrugada; um pouco de chuva fria veio apagar as luzes.

A expectativa que se teve, é de que, 100 pessoas compareceram ao evento da comunidade, cujo, a participação e alimentação nada foi cobrado, era tudo de graça, ou seja, por conta da comunidade.

O objetivo - da festa junina programada pelas mulheres da Vila Dois Rios, principalmente, a Tereza do Buiu, resurge com o propósito de voltar o público infantil para os movimentos folclóricos, que andavam um pouco esquecidos pela sociedade remanescente e de introduzir os novatos ao meio conservador. E, pensando numa forma, umas senhoras da Vila montaram uma equipe de apoio à idéia de trazer de volta a cultura que foi consumida no tempo pelo qual passa a nova fase e, teve o lado esquecido todo paralisado.

Surgiu por certa ocasião, minha observação sobre este lado positivo da brincadeira, conversando com a equipe de festas, animada em promoção, cito o "FESTIVAL DA CRIANÇA", que é realizado no Dia da Criança.

Quero terminar dizendo que, também, está faltando firmar na comunidade um trabalho de cena, como



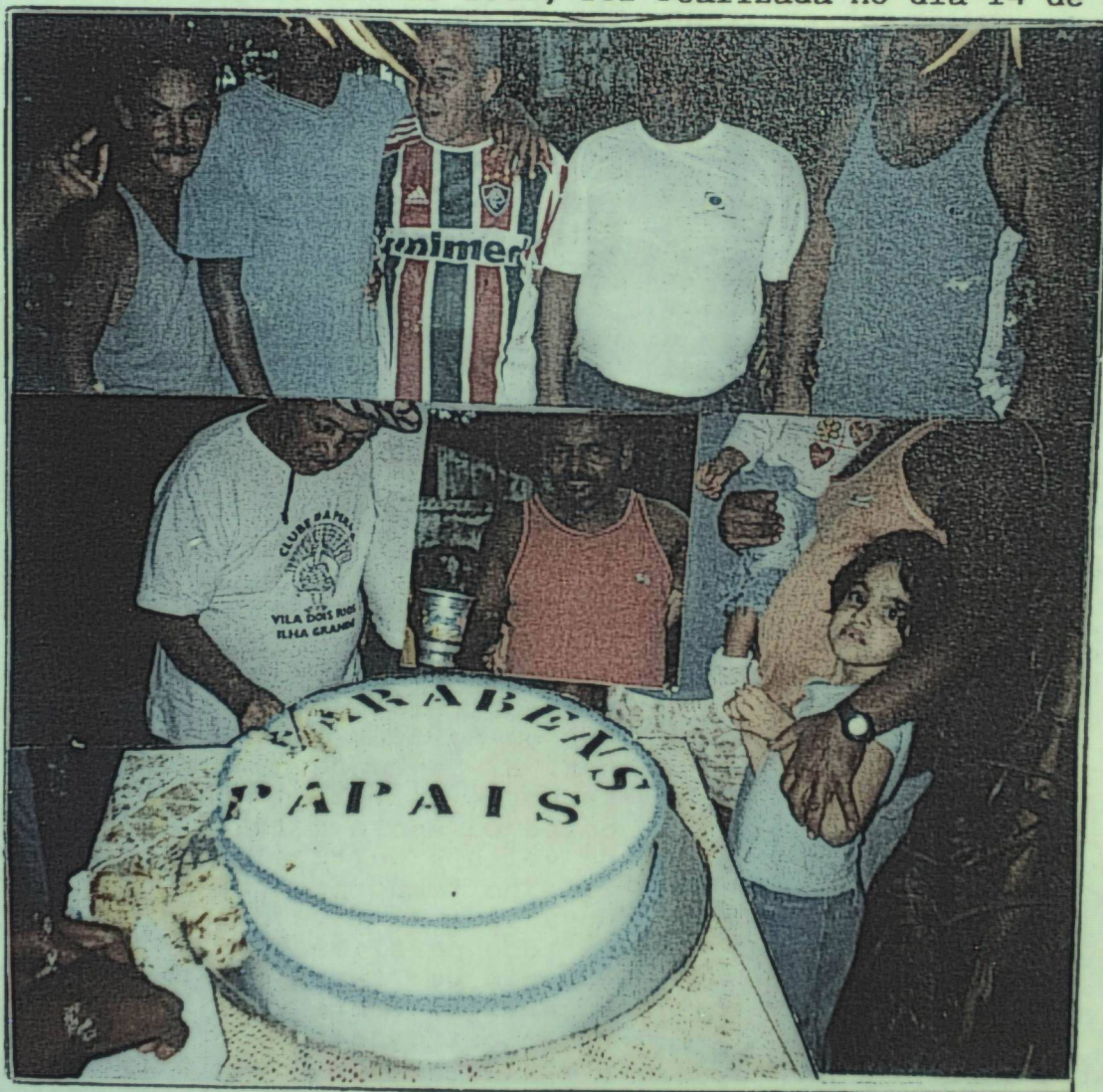
este que acaba de ser realizado. Foi sem dúvida muito boa a iniciativa da equipe a qual inclui o Sr. Dan da UERJ. Dirijo meus parabéns ao grupo e às pessoas que com ele trabalharam - na ornamentação, quer seja na iluminação, construção de barracas, preparo de alimentação e etc. Bem como expresso parabéns ao Dan pela confe

ção da vestimenta desta brincadeira.

Ailton, Susilene Caiães, e ao Sr. Francisco pela encenação caipira. Nada menos do que um trabalho cultural, cujo, engloba (literatura e arte cênica). De grande valia na ausência da criatividade popular na Vila.

### D I A D O S P A I S

Esta data do ano de 2005, foi realizada no dia 14 de agosto aqui na Vila Dois Rios



Foi uma brincadeira normal mas com grande significado na vida da população.

A importância de passar um dia unido sempre foi assim. Na graça divina, sempre sera.

#### O BOLO DE PRESENTE

São quatro horas da tarde e ponderoso sobre a mesa está o bolo, a multidão de convidados que se aguardava, atropela, empurra e esbafurida vai em busca de uma fatia do presente oferecido pela Tereza Lara aos papai da Vila. Não é gente anônima, sem identidade e dor, História e família. Isso que faz o dia dos pais. História e família. E ali todo mundo ria para comemorar o Dia dos Pais.



DE ROBERTO JEFERSON A JOSÉ BONIFÁCIO

A temporada de Jeferson, de denúncias a parlamentares, fizera com que interessara-me o tema nacional neste jornalzinho. O tema estivera-me esquecido por muito tempo. Mas agora foi quase obrigatório, a crítica, usando o termo extravagante: "raposa". Hoje, o uso para expressara, com raras exceções; e com raras exceções, político está associado pela opinião pública a corrupto, e partido político, também com raras exceções, até agora, à corrupção. Esta corroi o país, leva à pátria ao descrédito, gera violência e tudo de pior que se possa imaginar.

O bicho chamado raposa não é tão feio assim, talvez, pela sua astúcia ou pela sua beleza, atrai muitas lendas, e essa riqueza, andou marcando algumas épocas da nossa preciosa infância. E agora, marca o Noticiário Nacional escrito e oral, todos os dias concentrando a prosódia no ninho desse felídeo. Torna difícil exterminar raposa no ninho, até mesmo por que não mais temos, caçador desse animal. Se o nosso colonizador fosse sem os ingleses não seria! O nosso parlamento foi submetido a uma prova de bagunça. Nada mais nada menos do que por causa das raposas, ou melhor esse sinônimo de corruptos.

Os críticos de araque aparecem na televisão por volta das vinte horas, vestidos de casaco. Se o uniforme fosse o tradicional preto-composto com o charme grisalho dizia ser um quiproquó daqueles caçadores ingleses de raposas que lutam para não ver proibida a caça. E nós o (povo), aqui fora pergunta, sem saber o que fazer: "Como acabar com as nossas raposas?" Provavelmente, estamos sem cachorros perseguindo-as. Neste caso, as raposas vão viver por muito tempo e para complicar a situação corremos o risco delas produzirem muitos filhotes. Porque não temos

cachorro e nem sabemos dar um tiro.

A lenda vem de longe!!! Fazendo entretenimentos:

- Ninguém pense que isto é uma questão tão simples. Cada povo tem a sua tradição. Os ingleses são agarrados as suas e delas não abdicam. Nós até hoje não conseguimos nos libertar da lusobrasileiro.

- Para os ingleses é um dos mais antigos e mais populares esportes nobres do país, é justamente a caça à raposa.

- Não é uma caça simples: Primeiro, ela não pode ser morta a tiros. Se trata de um cerimonial que é preparado com muito cuidado e elegância. É como se fosse uma "CPI" no Brasil. Que reúne vários tecnocratas que, dizem que vão tratar do assunto, faz e acontece, mas não fazem, aborda superficialmente o assunto e deixa as raposas soltas.

- Os caçadores se reúnem a um canto, comemoram e, orgulhosamente apresentam o resultado, com as suas matilhas treinadas.

- Dizem que os "terriers" são os melhores. Mas há os raposeiros natos de patas pequenas, fortes e habilidosos.

- As raposas são acuadas e os ingleses, montados a cavalo, com a matilha em desabalada e desordenada carreira, saem na caça confrontal, até os cães alcançarem as raposas e fazem a festa; com elas nos dentes trazer ao caçador, para a sua euforia.

- Mas os ingleses não gostam apenas de caçar raposas. Eles outrora iam à Índia e, lá faziam festas imensas, nas caçadas de tigre, num ritual de perigo, matando o animal com uma única bala na garrucha. Enfrentava a fera, se desse sorte, tornava-se herói vivo. E, essa caça da era tão heróica que gerou um provérbio para a Literatura Inglesa, geralmente, usada quando se desconfia de que alguém não é gente



séria. Então dizem: "Fulano não é confiável, logo, não pode ser convidada para uma caçada de tigre."

As raposas, também, não são tão inocentes e destituídas de artimanhas. Fingem-se de mortas, quando vão ser agarradas, voltam-se ferozes e lá vai o cão ou a mão do raposeiro.

Se os homens as caçam, elas caçam as perdizes, os coelhos, as lebres, as cuicas e também gostam de frutas: uvas, figos, marmelos, bananas, mel e etc.

São cheias de malandragem, e notí vagas, descobrem meios de entrar nos galinheiros e papar as galinhas mais gordas, depois os ovos e ainda os pintos, deixam o galinheiro vazio para o dono da granja fazer outro plantel.

Acho que muito já ouvimos falar desse bicho, ultimamente, voltando nossa atenção para Brasília.

Na Velha Literatura muitos escritores foram seduzidos por elas. O mais narrado pelos nossos contadores domésticos de histórias foi sem dúvida "La Fontaine", que muito a explorou, com seus contos; a gente gostava de passar o tempo ouvindo até o sono chegar, pois na quele tempo não havia televisão, a tentação do mundo de hoje. E, assim eram narrados pelos prediletos, depois das tarefas caseiras:

- "A Raposa e as Uvas", quase sempre começava. "Certa raposa mãe que andava a toa e faminta/ ao passar por uma quinta/ viu no alto da parreira/ um cacho de uvas maduras"...

- "O Leão Doente e a comadre Raposa", esta escapa de ser comida, porque muito esperta, percebeu que a bicharada que ia visitar o compadre doente, só entravam na toca e não saiam...

- "A Raposa e a Cegonha", em que eram comadres e por isso andavam visitando a casa uma da outra. A cegonha um dia recebeu em sua casa com um almoço bem carregado ao sal a comadre raposa, esta teve de pois do almoço sede e muita sede a cegonha serviu lhe água gelada num bonito cantarão de duas asas onde não entrava seu focinho. Tudo isso aconteceu depois ao

maior episódio em que a comadre raposa serviu-lhe numa festa em sua casa água num prato raso, onde o bico da cegonha, muito pontiagudo deixou-a aflita de sede e desapontada diante das amigas e por este motivo ficou a pensar no revide...

- Esopo, também, foi tentado pela raposa e compôs "A Raposa e o Corvo", a famosa vaidade do corvo foi quebrada. Que, ao cantar deixou cair ao chão o queijo e a raposa encheu a barriga...

Esses contos ouviamos com gozo. Ainda hoje quando penso neles, lembra-me a figura da prima Ilma, um formosa menina de dez ou onze anos que quase morria de rir, gargalhas soltas nós deixávamos no ar, em casa a noite sentados todos pelos bancos outros pelo chão junto ao fogão de lenha: papai, a mãe, a vó e outros parentes, - vizinhos, agregados e aderentes dava-se ouvido ao nosso Pedrinho Brit, o maior caricaturista oral das crianças, contador de história que, narrava longas horas da noite para encanto de todos nós. Ficávamos esperando ele dizer assim:

- "Agora vou contar" O Corvo e a Raposa, começava ele a decoreba de La Fon na ponta da língua e a gente vibrava... ouvia a sua voz vibrante: "Certa vez... em uma árvore trepado/ o Corvo trazia ao bico aquele lindo queijo/ da queijaria do fazendeiro/ atravessado como se fosse uma lua cheia/ dona Raposa/ a quem o bom cheiro atraíu/ estas palavras lhe dirigiu: - "Olá, senhor Corvo, bom dia! Que belas penas! Que fidalga distinção! Hem! Pode crer! Se o seu canto está em harmonia, eu gostaria de ouvi-lo deitada a sombra desta frondosa árvore, posso até dormir um pouquinho enquanto o senhor canta... que plumagem tão linda/ nestes bosques o senhor é a maior atração".

As tais frases, fez com que o Corvo estourasse de contente. E, para se mostrar que sabia cantar/ escancarou o bico e o queijo veio ao chão. A esperta Raposa abocanhou-o e lisongeira disse: "Aprenda isto cavalheiro. Viver às custas de



quem lhe desperta atenção. Esta lição fez-me jus um queijinho muito gostoso! Obrigado!" O Corvo encaifou-se e viu perdido na boca da raposa o seu petisco saboroso. Já era tarde, não tinha mais como reaver o queijo, jurou a si mesmo que nunca mais seria enganado por outra raposa. E ali ficou jururu a pensar na traição e como encontraria outro queijo tão gostoso na redondeza. Bateu asas e voou para bem longe a procura de uma nova refeição aplacar-lhe o estômago.. Até hoje ninguém sabe do paradeiro do corvo decepcionado... pela injustiça que sofrera não voltou mais aquelas bandas. Tudo indica que seja uma raposa brasileira a que tenha feito isto com o pobre corvo faminto.

E qual a moral a tirar da situação do parlamento brasileiro, depois de tirar o queijo da boca do pobre, digo, mensalões de muitos políticos (raposas)?

E, o povo sem cachorro, digo eu, como fazer para não ser enganado pelas urnas aninhadas? E, aí daquele que invadir o banco de queijo das mutretas do Planalto. Marcos Valério que se cuide! Pois, pode ser comido pela matilha da Esplanada. E, o Tesouro Brasileiro pelas raposas do Partido ...

Resta-nos ainda uma esperancinha como diz o velho provérbio: "Futuro de raposa é ser caçada e terminar no pescoço da madama que a mandou captura-la."

Desculpa-me por fazer esta idéia Roberto Jefferson (ex-PTB) tem hoje você, a figura de José Bonifácio que, também mexeu com a classe política para que o Brasil entrasse nos eixos. Senão vejamos:

- Só para transportar a idéia. A democracia como se sabe é fundamentalmente sustentada nos seus pilares básicos que são - o voto e os partidos políticos - isto é o que sustenta os órgãos. Estes últimos são considerados órgãos de coordenação e manifestação da vontade popular, símbolos da participação do povo na soberania do Estado. E são organizações voluntárias nas quais o povo de uma Nação se divide em vários agrupamentos (partidos políticos), cada um

deles possuindo o seu próprio pensamento no que diz respeito à maneira de como a Nação deva ser governada.

As principais manifestações com características de partido político no Brasil surgiram no império. Antes da Independência a luta política restringia-se a brasileiros os que a (desejavam) e aos portugueses os que não a (desejavam). Embora pudessem ser identificados grupos sociais específicos dentro destas forças, elas ainda estavam longe de ser consideradas agremiações políticas.

Logo após a Independência do Brasil, surgem grupos de divergências. Uns favoráveis à orientação do monarca. E outros adversários. Na época a Imprensa Lusitana tachou esses grupos de "Antagônicos".

Esta situação ocorreu quando estava-se organizando o império, em 1822, neste mesmo período, até outubro, portanto logo após a Independência.

Nesta época surgiu uma forte oposição ao ministério do qual a figura principal era José Bonifácio de Andrada e Silva. Este movimento levou à queda do ministério, em 1823.

É notório que, as elites políticas, visa apagar divergências entre os grupos, ocultar a corrupção de sorte que os benefícios fiquem só entre eles com exclusão do povo.

Quem são essas elites? Poderíamos dizer que são os donos do poder, estaria respondido, mas não é bem assim, são (políticos profissionais e intelectuais conservadores, grandes empresários e os rentistas). Está aí um estamento que controla o poder real de uma Nação e orienta a economia em seu benefício.

O Estado, na maior parte de sua história, foi comandado a partir deste estamento, que mediante a fusão dos interesses públicos com os privados, criou o que se tem chamado de patrimonialismo. O propósito é aumentar o patrimônio pessoal ou empresarial, coisa que segundo ao que vimos aí, perdurou até ao tempo de FHC. Para tirar de



jogada estas elites apareceu Roberto Jefferson assim como no império apareceu José Bonifácio de Andrada e Silva denunciando a eli

te portuguesa. Finalizo este texto para a coluna "Panorama Nacional", nesta segunda-feira 01/05/2005.

## Cinema

"QUASE DOIS IRMÃOS"

Um filme exibido no dia 23/07/05 no Centro de Convivência da Vila Dois Rios, às 14h, pelo projeto do Comitê de Defesa da Ilha Grande (CODIG), muita gente foi assistir eu também fui e, fiquei sentado ali no escurinho, na retaguarda da Lúcia Murat, sabia que ela tinha muita coisa para contar e, não gostei, não sei porque, talvez seja a proposta que distuava daquilo que nós guarda de presídio queríamos vemos e não estava vendendo.

A Lúcia, como todo mundo já sabia, foi a cineasta que fez o filme, não tem nada a ver com isso, que eu gostei ou deixo de gostar. Ela fez o trabalho dela e o Sr. presidente do Codig, Alexandre de Oliveira e Silva, fez um favor de trazer aqui e nos mostrar.

Parabéns para a Lúcia e, parabéns para o Sr. Alexandre, pelo esforço que demonstraram para com a gente, trazendo até aqui, aquilo que foi feito em parte aqui neste lugar e contou um pouquinho da história deste lugar, na pele da Ditadura, o que ela é uma vítima.

No final da sessão ela se apresentou como diretora e contou um pouco de como a obra foi feita e esclareceu dúvidas sobre tráfico de drogas, ditadura e o presídio (Penitenciária Cândido Mendes) que foi desativado e demolido em 1994 o que gerou o interesse dela pelo tema do seu filme, gerando um franco debate no interior do salão do Centro de Convivência.

É uma vencedora admirável, primeiro porque esteve presa nas garras da ditadura e depois teve o marido preso aqui na Ilha, disse ela onde mais tarde veio visitar.

Como cineasta já venceu em 2004 o Festival de Cinema carioca, nas categorias de melhor diretor, me-

lhor ator, melhor filme latino-americano e o prêmio "Fipresci de Cinema".

O Filme, em si, "Quase Dois Irmãos", retrata uma trajetória de dois amigos de infância: um tal de Miguel e um tal de Jorginho, simultaneamente, representados no filme pelos atores (Caco Cioclers e Flávio Baurak) trata-se de classe sociais diferentes, que se reencontram muitos anos depois, já nas grades do presídio, e o estabelecimento é o nosso conhecido presídio da Ilha Grande, na época era ainda o IPCM (Instituto Penal Cândido Mendes), isto por volta de 1970.

Um desses camaradas era preso político e o outro era o assaltante a mão armada a banco, sujeito mais violento e menos intelecto, enquadrados na mesma Lei LSN - (Lei de Segurança Nacional), um queria levar a massa a vencer pela organização da ordem lógica do poder enquanto que o outro teimava impor a força física no cárcere. E, neste contexto foi montada a primeira e a segunda parte do filme, mostrando duas realidades distintas, que se encontram e entram em situações conflituosas, dentro de um mesmo estabelecimento penal.

Nesta busca de forma de domínio, acabou norteando o fio da meada contra a sociedade que permitiu o prisioneiro chamar a atenção para si e organizar o crime que corrompe barreiras, atualmente, o comando vermelho, PCC e outras facções inclusive com o apoio da própria sociedade, como as Comissões de defesa dos presos, Comissão de Direitos Humanos e etc. e fatalmente surgem novas facções.

Todos nós sabemos que parte desta obra foi filmada aqui na Vila Dois Rios, Abraão e Mangaratiba,



em 2003, inclusive utilizando figurantes da própria comunidade, como o nosso conhecido Divaldo. Porém, não vi se quer um deles na tela. Como a Penitenciária Cândido Mendes (DESIPE-CM) já havia sido demolida, as cenas internas foram gravadas lá fora. Provavelmente numa instalação montada como qualquer outra filmagem.

Dá para se perceber que a história no filme é contada, segundo, a proposta da diretora Lúcia Murat, em três tempos intercalados: Primeiro como eu já disse mostra a convivência de presos políticos e comuns num mesmo ambiente, e, depois levanta uma idéia dos problemas sociais atuais com as meninas principalmente, as de classe média que, sobem o morro de algumas favelas em busca de preenchimento do vazio, da vida limitada ao círculo fechado da classe social, nor-

malmente nas grandes cidades desprovida de acolhimento satisfatório, chama atenção da culpa do método político de governo do país e a juventude, acabam encontrando a fanfarra do baile "funk", onde comumente, está os chefes do tráfico.

Fica ali no filme a mensagem principal ao meu ver: a complexidade social de ontem e a de hoje. Qual a melhor? Logico, a de ontem, era mais social. O governo impunha a ordem social e investia, dando as condições de liberdade noturna. Hoje não, é puramente comercial cada um em suas casas, a modo do salve-se quem puder. Mensagem esta a do filme que, eu vi e, a Dr. Lúcia o fez. E, o Projeto do Codig patrocinou. Parabéns. Eu estou com vocês e não abro. Valeu. Até a próxima oportunidade. A Vila Dois Rios precisa dessa iniciativa.

UERJ/CEADS/Professora Janny Linhare Fortes

VIDIOTECA ITINERANTE  
ARRAIÁ DA TIA JANNY

Em 24/06/2005. Mais uma vez pude apreciar muito de perto uma aula da Profª. Janny Linhares Fortes - bibliotecária da UERJ, no Centro de Convivência de alunos da Universidade e moradores da Vila Dois Rios. Ela desta vez trouxe para as crianças um pequeno arraiá, aproveitando o mês de junho o tema em discussão era a origem das festas juninas, auxiliada como sempre, por uma bolsista que desta vez foi Viviane Vieira Machado Cascardo e para apoio pedagógico, Dayhane Alves Escobar Ribeiro, diante de 12 alunos trataram do recolhimento dos trabalhos que, as crianças estão fazendo com a Janny, com objetivo de formar um livrinho no final do ano. Um livro de autoria de cada uma das crianças da Vila Dois Rios, cujo, participam das aulas e apresentam trabalhos para ser edi-

tados pela Vidioteca Itinerante e as crianças estão muito animadas, colaborando, sabendo que vão editar um livro a maneira da Tia Janny. Cada aluno ler por mês um livro escolhido por elas mesmas e faz o seu trabalho, até ao presente momento 12 livrinhos já estão sendo elaborados.

A segunda parte desta aula, foi a mostra de outros livros às crianças e, incentivo à leitura da história para que, todas escolhessem um livrinho ao critério de cada uma. A terceira parte foi para falar da festa típica do mês de junho (Festa Junina), começou a Professora Janny num círculo de criança formado no centro do salão; contando a história da origem das festas:

- "A dança era nobre, nos palácios, nos castelos, porém, quando chegou ao Brasil sofreu variações



ou modificações, principalmente, nas grandes cidades. O mês de junho era bem festejado de maneira social. Foi no interior que conservou-se a originalidade da dança, atualmente conhecida como quadrilha. Para o baile caipira muitas barraquinhas eram feitas ao redor do terreiro para distribuição dos diversos tipos de alimentos típicos da época das festas juninas" - disse.

A seguir veio o quarto tempo da aula, foi montado um ensaio de canto e, a letra da música era de autoria da própria Prof<sup>a</sup>. Janny.

Tratava de uma aplicação dupla da língua como: "O QUE CACÁ QUER/ CACÁ QUER CAQUI/ QUI CAQUI CACÁ QUER/ CACÁ QUER QUALQUER CAQUI" e assim foi ministrando esta aplicação da linguagem, para as crianças assimilar e, cantar com ela ali na sala. Neste instante, houve um reboliço no salão; tive a

impressão de tumulto, em determinado momento. De fato, a maneira diferente de arrumar as palavras, quando cantava quase recitava, tinha sabor picante, pelo engraçado que encerrava gerou duas correntes, uma esforçava para cantar e, outra colocava o ambiente debaixo de estrondosa gargalhada. Mais uma vez a energia e a serenidade da Professora levantaram os ânimos a acompanharem pelo que conseguiu chegar ao final do tempo da aula. E, depois na hora de ir embora foi cantando até ao ponto do ônibus... Antes, porém, de sair fez o baile caipira. Era chegada a hora da "quadrilha" e por final foi a distribuição de refresco, doces e pipocas para alegria geral da criançada com a professora que traz livros, leva trabalho e deixa prazer. Tem com ela o sentido pedagógico da Literatura infantil.





História da Cadeia:

TRIBUTO À VOLANTE

Na VILA DOIS RIOS - No tempo do presídio, volante era sinônimo de patrulha. Aqui era o berço das diligências, onde a estratégia era traçada pelo Serviço de Segurança do Presídio, com vista trazer de volta ao interior da prisão algum fugitivo, o objetivo era específico de recaptura por ocasião das fugas de preso. Armava-se por estas ocasiões um grupo de homens, normalmente, Guarda de Presídio e Policial Militar, dividia o grupo e entregava aos chefes de equipe, guase sempre eram os mesmos chefes, como exemplo cita-se Zaquel Pereira, Antônio Nicácio e o já falecido Francisco Euzébio, os demais eram peças da equipe. A equipe por sua vez já formada se subdividia em três partes: Frente ou testa, Batedores e Retaguarda. A testa era a parte que tinha a responsabilidade de avançar com o grupo, acelerar o grupo ou parar o grupo e ainda a testa tinha a obrigação de reorganizar a equipe no rastro, se por ventura a testa errasse todo o serviço da equipe tornava-se comprometido pelo erro. Os batedores faziam o vasculhamento lateral (uma espécie de tira dúvidas) pois o fugitivo possivelmente podia mudar de direção para enganar a testa da volante. E, a retaguarda só avançava depois que os batedores houvessem liberado o caminho para a retaguarda passar. E tinha a retaguarda a responsabilidade de marcar o caminho. Feito isso iam avançando passo a passo.

HORA DO DESPOJO

Quando fala na Cadeia, fala-se da Penitenciária Cândido Mendes ou do tempo mais atrás quando era o IPCM (Instituto Penal Cândido Mendes); do tempo dessas prisões eu guardei a imagem genérica do prisioneiro na fuga. Quando a gente na volante conseguia alcançá-lo na mata, seguindo o seu rastro, as

vezes por vários dias.

A imagem de um elemento fujão geralmente era assim.

E, principalmente do interno Qui-rino, vulgo Limão, cujo aqui vou fazer a sua descrição no ato de uma das suas recapturas nas matas desta Ilha.

Assim ele representava muito bem a figura mais comum do condenado na hora do despojo: Neste momento todos os internos nestas condições de fuga, portavam uma pequena bagagem com cordas e tranças compridas.

A muamba que carregavam era um tanto elevada adiante do corpo e atrás. Todos eles em fuga carregavam estoques (uma espécie de arma branca) e, eram geralmente de ferro ferrugento e, também, os estiletos da mesma forma.

Os remos que usavam eram duas tabuletas estreitas e longas.

Sua roupa para andar na mata consistia em grande calças ou polainas de pano taninado, mas não mesclado, de cor suja da lama e do mato, amarradas pela cinta e por baixo tinha as ceroulas de algodão onde o taninado não protegia. Estava sempre pelo traseiro e as peças de baixo matinhavam-se no abdome.

Sobre o peito havia sempre um pano de calça de fazenda farta na penitenciária, ligado para detrás com duas tiras largas sobre os ombros, e uma jaqueta, também, feita do taninado na cadeia a qual é geralmente atirada no chão para servir-lhe de descanso.

Seu boné, de pano, tinha a forma muito baixa, redondo e aba curta sobre a frente, sortido de touca preta de lã até o pescoço. Usava calçados, alpercatas, da mesma cor e os çadarços de embira surtidas nos pés nus por umas cingidas que prendiam as alpercatas e as polainas. Na mão direita empunhava uma longa ceifadeira, que largava no susto, incrédulo, de fato por ter sido alcançado na brenha e, ao lado, uma peixeira de cozinha, metida num boldrié que lhe descia da espádua. Ainda no cinto, um quicé metido num embornalzinho e muitas



guimbas curtas e sujas e outra no bolso.

Na parte posterior da mochila estava amarrado um pedaço de manta escura, enroladas em forma de cilindro, que habitualmente contém a bôia e uma muda de roupa limpa, isto é, uma calça, cuecas e, as vezes, umas camisas de cambraia tigidas de nanquim. Nas bruacas que prendiam de cada lado do corpo conduzem geralmente, o preso, fã rofa e a carneseca; no outro lado um bom pedaço de doce e os isquei

ros de fluído, o fumo de cigarros sobressalente e umas cabeças de alho.

A todo esse equipamento, o fugitivo junta ainda uma importância, cujo, valor garante viajar lá fora para bem longe, e todo preventivo possível de sucesso, se Deus lhe permitisse voltar vivo para o seu mundo tão desejado. Que deses peradamente põe-lhe empreender fuga por este mundaréu de mata, céu e água.

### ROTINA DE VOLANTE

Que tempo bom!  
Quando fugia  
Um preso,  
Pra volante pegar.

Sempre que a volante chegava,  
Ou passava na praia,  
Ia logo num bar,  
Beber até a lua clarear,  
Ou a escuridão arriar.

E com a chegada da volante,  
Assanhava a moçada do lugar;  
Ouvindo a prosódia,  
Cantava roda,  
Na porta da birosca,  
E verso a moda galante.

Nestas caminhadas,  
O tenente,  
Os soldados  
E os guardas,  
Que levavam a volante  
Pra frente.

E, aquela gente  
Tinha Historia pra contar.  
Embalado na fuga,  
Onde parava,  
Detalhava o fujão,  
Se era manso, perigoso,  
Baixo ou gordo,  
Magro, alto, como devia estar.

Era tudo questão de goso,  
O preso não era tão perigoso;  
Só fugia bastante,  
Até que um dia desistiu,  
De fazer frente,  
E viu-se  
Preso novamente,  
Pela rotina da Volante.

### Editorial:

#### ACAUTELADOS POLÍTICOS

Esta denominação pertencia a uma classe de prisioneiros da Ditadura, que foram enquadados na LSN e enviados para a Ilha Grande no período entre 1968 a 1975. Entre esses prisioneiros estava WILLIAN DA SILVA LIMA, preso pelo que me consta até hoje nos presídios de Bangu-RJ. E acabou sendo na década de setenta o intelectual da transição entre presos políticos e comuns que resultou numa organização criminosa do maior precedente da nossa história. E tudo isso foi consequência do dia 13 de dezembro de 1968. Dia este em que o Exército brasileiro, pôs fim a todas as garantias democráticas. Fechou o Congresso, cassou mandatos políticos, aposentou professores e funcionários públicos, suprimiu o habeas-corpus, impôs censura à imprensa e a correspondência dos presos e mergulhou o país em longa e tenebrosa noite. Naquele dia as Forças Armadas por exigência da linha dura baixou o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Para o presos:

Uma das imposições que muito incomodava os intelectuais desta organização, era a censura das correspondências e, foi a primeira coisa que trataram de remover, com a colaboração dos seguimentos sociais como a Imprensa escrita e falada, Igrejas e a OAB. Através deste esquema eles chegaram à Roma, a Brasília e as pás matutinas.